

**A REALIDADE SÓCIO-ECONÔMICA DOS OLEIROS E CERAMISTAS DE TRÊS LAGOAS E  
BRASILÂNDIA/ MS APÓS A CONSTRUÇÃO DA USINA HIDRELÉTRICA “SERGIO  
MOTTA”.**

Cynthia Moretti de Souza/ Bolsista PET/CPTL/UFMS: [cynthia\\_moretti\\_geo@yahoo.com.br](mailto:cynthia_moretti_geo@yahoo.com.br)

Fernanda Alexandre/ Bolsista PET/CPTL/UFMS: [fer\\_ufms@yahoo.com.br](mailto:fer_ufms@yahoo.com.br)

Franciele Gonçalves/ Bolsista PET/CPTL/UFMS: [franciele\\_ufms@yahoo.com.br](mailto:franciele_ufms@yahoo.com.br)

Marcel Infante Rodrigues/ Bolsista PET/CPTL/UFMS: [marcelinfante@bol.com.br](mailto:marcelinfante@bol.com.br)

Rafael Marques Dadona/ Bolsista PET/CPTL/UFMS: [rafaeldadon@hotmail.com](mailto:rafaeldadon@hotmail.com)

Edima Aranha Silva/Coordenadora/CPTL/UFMS: [earanha@ceul.ufms.br](mailto:earanha@ceul.ufms.br)

## **RESUMO**

Nesta pesquisa objetivou-se analisar a dinâmica sócio-econômica e espacial da comunidade oleiro-ceramista de Três Lagoas/MS e Brasilândia/MS, após a construção (2002) UHE “Engenheiro Sergio Motta” – Porto Primavera no rio Paraná, divisa entre São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Com o término da UHE e enchimento do lago registraram-se impactos, ambientais, sociais e econômicos, os quais afetaram a classe oleiro-ceramista, dificultando assim a continuidade da atividade produtiva, em decorrência da inundação das áreas ribeirinhas e da submersão das jazidas de argila empregada como matéria-prima na produção dos tijolos e telhas.

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho refere-se a um projeto de pesquisa desenvolvido pelos acadêmicos do Curso de Geografia/DCH membros do Grupo PET/Geografia/CPTL/UFMS. No qual objetiva-se levantar,

caracterizar e analisar a realidade sócio-econômica dos Oleiros e Ceramistas dos municípios de Três Lagoas e Brasilândia impactados pela construção da Usina Hidrelétrica Eng. Sérgio Motta “Porto Primavera” no rio Paraná, na divisa dos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul (fig. 1).

Os Procedimentos teóricos - metodológicos pautaram-se na pesquisa bibliográfica, análise documental, visitas, entrevistas com oleiros e ceramistas, registro fotográfico, que possibilitaram apreender a realidade dos fatos que constituem o objeto central da pesquisa. A opção nesta temática se deu da necessidade em compreender as transformações ocorridas com essas comunidades após 2002.

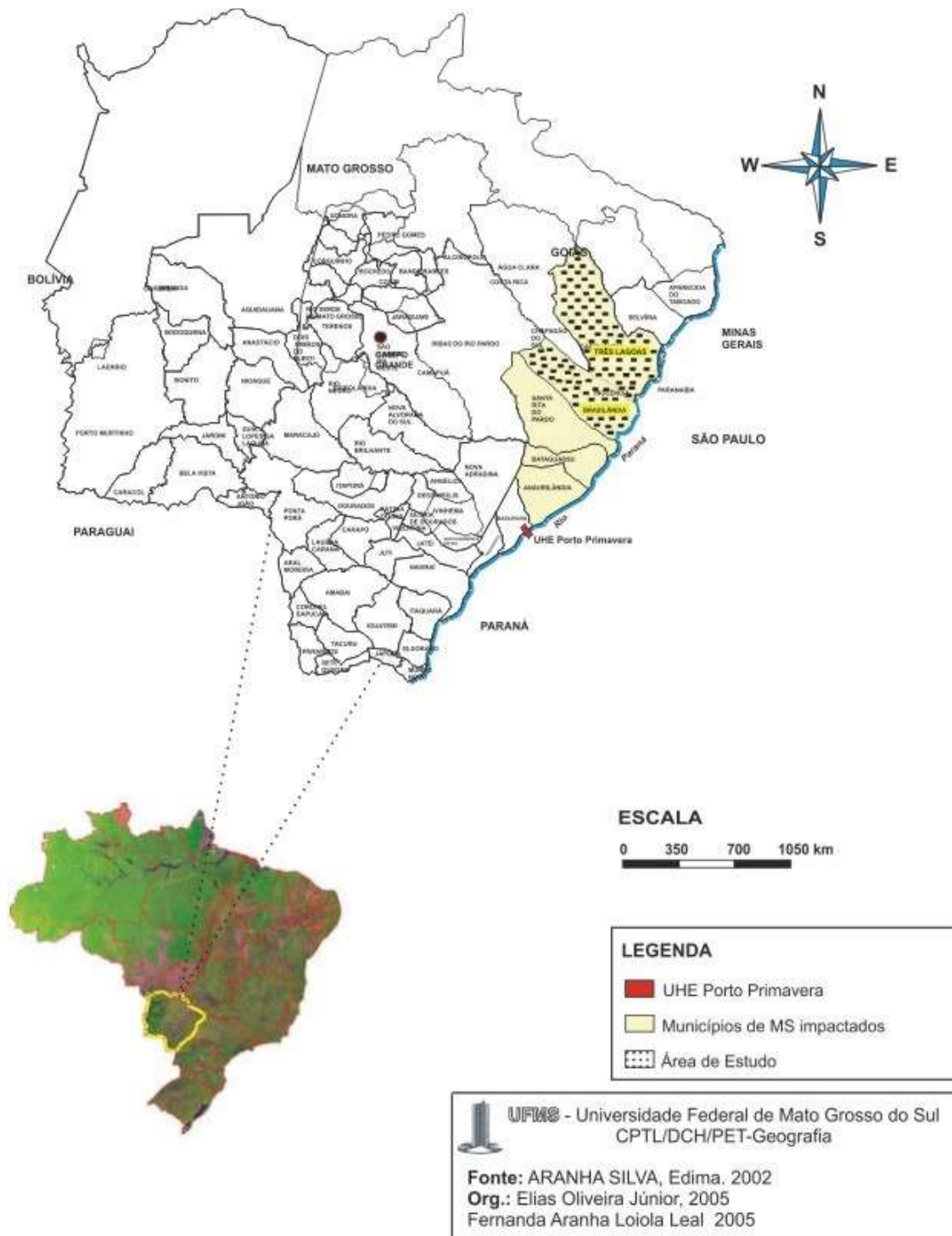


Figura 1: Localização dos municípios impactados.

## DESENVOLVIMENTO

Devido à modernização industrial e a expansão urbana houve a necessidade de ampliação da produção de energia elétrica no Brasil, dentre os projetos hidroenergéticos destacam-se a UHE “Engº Sérgio Motta” Porto Primavera, concluída (2000). A construção desta UH ocasionou impactos sócio-ambientais nos municípios que margeiam o rio Paraná.

A ampliação do setor energético necessitou de grandes investimentos com ênfase na infraestrutura básica, para que houvesse assim um desenvolvimento e crescimento do setor industrial de âmbito nacional. Neste sentido, optaram-se pela construção das usinas hidrelétricas como alternativa mais viável para a geração de energia elétrica.

Quando nos dizem que as hidrelétricas vêm trazer, para um país ou para uma região, a esperança de salvação da economia, da integração no mundo, a segurança do progresso, tudo isso são símbolos que nos permitem aceitar a racionalidade do objeto que, na realidade, ao contrário, pode exatamente vir destroçar a nossa relação com a natureza e impor relações desiguais. (SANTOS, 1999, p. 173 apud BORTOLETO, 2001, p. 57).

O processo de construção e operação da UHE “Sergio Motta” – Porto Primavera perdurou por 22 anos. Iniciou-se em 1980, mas em 1982, o sistema de desvio e represamento da água necessário para a perfuração e edificação da base do empreendimento aumentou ainda mais o volume de água proveniente da enchente. Houve uma grande inundação no entorno dos rios Verde e Sucuriú e as comunidades ribeirinhas foram altamente impactadas, muitos perderam cultivos, animais e edificações, já era o prenúncio do fim daquelas comunidades. (KUDLAVICZ, 2001). Fato que se concretizou no ano de 2002, quando houve o fechamento das comportas, a formação definitiva do lago da usina e as turbinas geradoras de energia entraram em operação. Seguindo esta realidade pode-se destacar entre outros, os grandes projetos hidroenergéticos que abarcaram os principais rios da bacia hidrográfica do Paraná, em especial o complexo do Urubupungá, localizado na região centro-sul do país, este é composto pelas usinas Engº Souza Dias – Jupiá localizada na divisa dos municípios de Três Lagoas –MS e Castilho – SP, a

usina hidrelétrica Ilha Solteira esta entre os município de Ilha Solteira – SP e Selvíria (MS) e a usina Eng° Sérgio Mota, entre os municípios de Porto Primavera – MS e Rosana – SP.

Neste contexto, foram impactas as populações oleiras do município de Três Lagoas e ceramistas de Brasilândia, ambas estudadas no presente trabalho.

### **CERÂMICAS DO REASSENTAMENTO PORTO JOÃO ANDRÉ.**

No que tange à população ribeirinha, parte dela foi transferida pela CESP, para o reassentamento Porto João André a 6 km da sede do município de Brasilândia. Os oleiros enfrentam diversas dificuldades, tais como: a compra da lenha, o valor do frete pago para o transporte da argila, o valor elevado da energia e especialmente o término da argila estocada que inicialmente estava prevista para uma duração de oito anos e que em grande parte das cerâmicas não atingiu o tempo previsto de duração.

Dentre as várias propostas da CESP para os oleiros e ceramistas e tida como sendo a principal delas era de providenciar a estocagem de matéria-prima no local para o consumo no período de 8 (oito) anos, mas o volume estocado pela empresa não foi insuficiente para manter a produção, pois esgotou-se em 2 (dois) anos, e ainda, uma disponibilizar uma reserva alternativa de argila. (ARANHA, et. al. 2005).

Face aos equipamentos modernos, a produção agora industrial, tornou-se mais acelerada e o aumento da demanda dos produtos fizeram com que a argila estocada se esgotasse em dois anos na maioria das olarias.

As 36 cerâmicas do Distrito Industrial Porto João André (fig. 2) são mecanizadas e dispõem de: marombas, esteiras, fornos, barracões, pátios para secagem (fig.3 e 4).

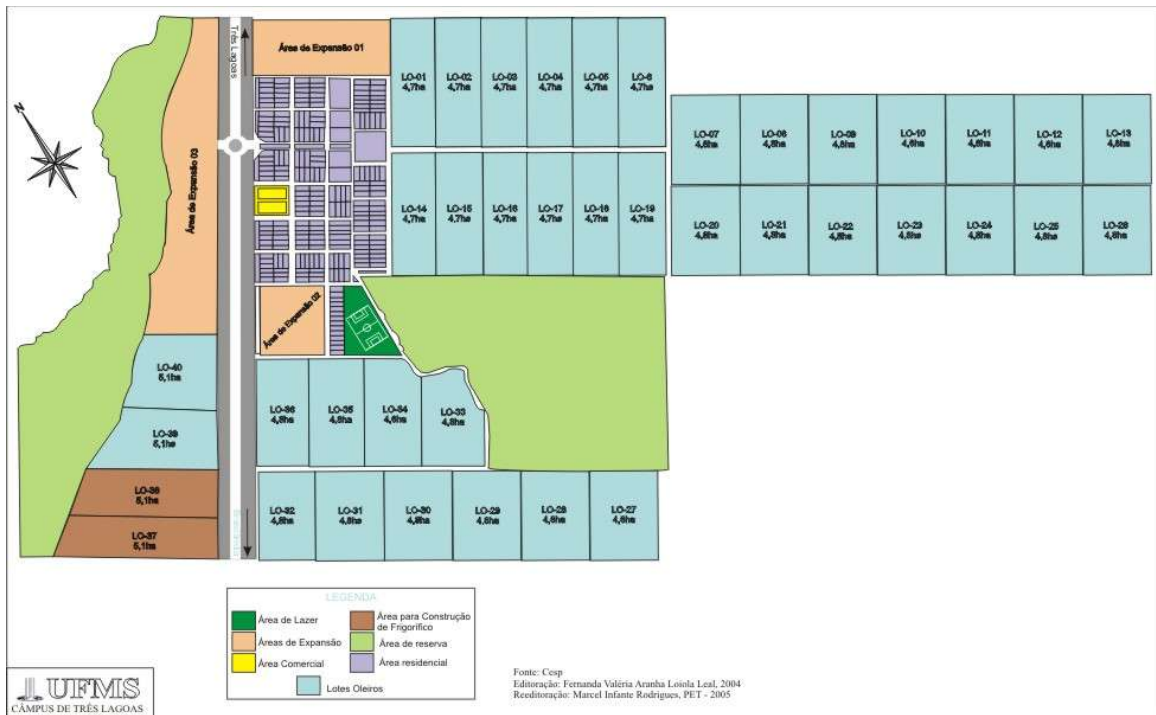


Figura 2: Planta do reassentamento Porto João André (Brasilândia/MS).



Figura 3: Cerâmica  
Fonte: CESP, 2001

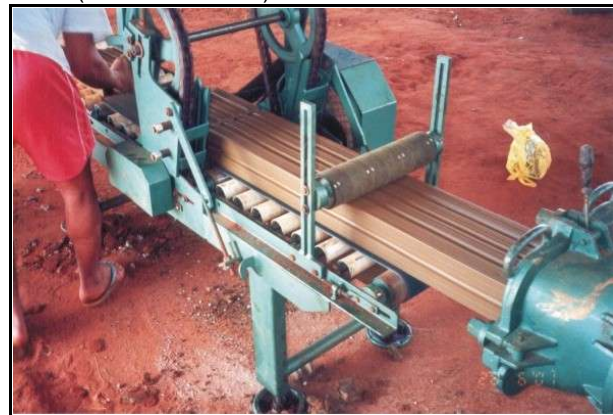


Figura 4: Produção mecanizada  
Fonte: CESP, 2001

A produção média mensal varia entre 80 e 130 mil tijolos (tipo bloco de 8 furos que são vendidos por um valor entre R\$100,00 a R\$120,00, porém os gastos com impostos, energia, lenha, funcionários e manutenção restringem o lucro do proprietário, sendo que algumas dessas cerâmicas estão desativadas.

Na busca de soluções para contornar o problema decorrente do alto valor da conta de energia, buscaram-se duas opções, a saber: a) passar a utilização de lenha nos fornos, no entanto o seu custo também é exorbitante e sua liberação é dificultada pelos órgãos de fiscalização; b) a outra alternativa foi o uso do pó de serra, que no início era doado pelas serrarias, mas posteriormente, o mesmo também passou a ter um valor aquisitivo alto como a lenha. Mediante a essas dificuldades, optou-se mesmo pelo uso da energia elétrica apesar do seu custo ser alto.

### **CERÂMICAS E OLARIAS DE TRÊS LAGOAS-MS**

Em Três Lagoas é possível encontrar os dois setores que sobrevivem do trabalho realizado com a argila, e também as disparidades existentes entre as cerâmicas e olarias, tanto em infraestrutura, equipamentos, produção, recursos, bem como a divisão do trabalho.

Os oleiros residem e trabalham a cerca de 40 anos, às margens da segunda Lagoa (Lagoa do Meio, fig.5) e em bairros periféricos da cidade (Jardim Santa Aurélia, Vila Coimbra, Vila Maria, Vila Haro Jr, Parque São Carlos, Jardim Carioca, Vila Popular, Jardim Planalto, Vila São João, Santos Dumont II, e Vila Zução). Quantificou-se em 17 olarias, as quais apresentam precária infraestrutura, como: fornos precários, marombas obsoletas, pipa tração animal, ausência de pátios de secagem, barracões e baixa produtividade o que acarreta uma desigualdade produtiva e comercial entre as cerâmicas e olarias. (fig. 6 e 7)



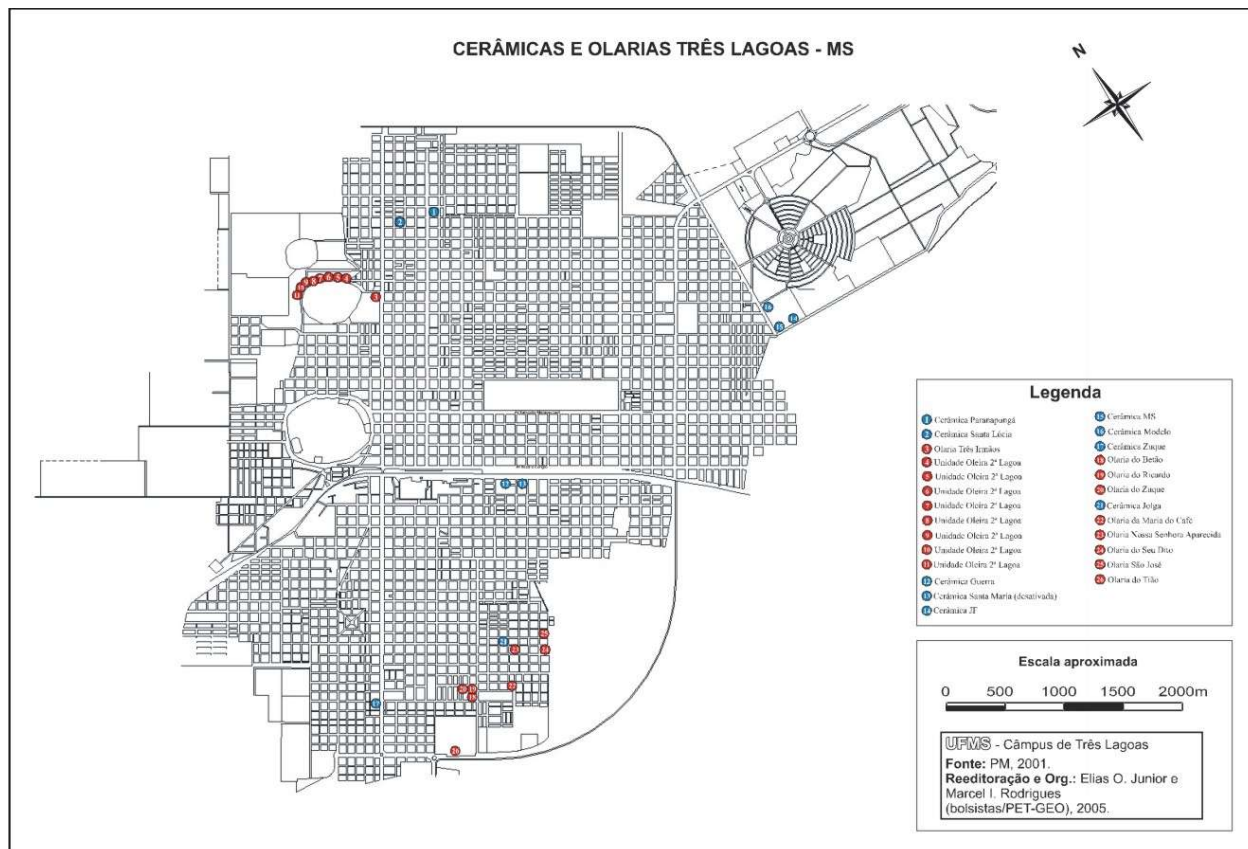


Figura 5: Localização das cerâmicas e olarias do município de Três Lagoas/MS.



Figura 6: Preparo da Argila  
 Fonte: Franciele Gonçalves, 2005



Figura 7: Produção manual da Argila  
 Fonte: Franciele Gonçalves, 2005



Nas olarias a produção de tijolos depende do tamanho dos fornos, em uma média de 3.000 mil tijolos por forno, o processo de queima dura cerca de 72 horas. Em média se produz cerca de 30 mil tijolos por mês, e o valor médio de um milheiro do tijolo simples é de R\$104,00. Porém, a produção não se dá ininterruptamente, ou seja, há períodos que não se produz devido a fatores: chuva, produção em estoque.

Constatou-se que nos períodos de produção, os custos médios de uma olaria gira em torno de R\$3.120,00, para a aquisição da argila R\$400,00, são gastos com lenha R\$250,00, para pagar as despesas de luz e água totalizam R\$300,00 No tocante às despesas com funcionários verificou-se que não ocorre, pois a mão-de-obra usada é familiar. Todavia trabalham cerca de 5 pessoas em cada unidade de produção. As condições para a produção nas cerâmicas buscam meios alternativos para diminuir os gastos com os custos da lenha, esta é obtida por reflorestamento ou por limpezas de fazendas, com a introdução do pó-de-serra para a queima da argila.

Aliado a isso, o volume produzido e o padrão de qualidade não atendem a demanda e dificultam a competitividade no mercado com a produção advinda dos ceramistas. Estes totalizam 9 cerâmicas, alocadas na área urbana do município, com maior predominância do Distrito Industrial I, são dotadas de alto padrão tecnológico, boa infra-estrutura e produção com controle de qualidade, seus preços são competitivos os que lhes garantem mercado consumidor, local e regional.

Três Lagoas, constituiu nossa área de estudo cujo impacto conforme o Relatório sobre o setor cerâmico-oleiro foi considera moderado:

Segundo o estudo de Impacto Ambiental não existe no município nenhuma unidade cerâmico-oleiro que será diretamente afetada, ou seja, as águas do reservatório não alcançarão as áreas onde estão instaladas as olarias e cerâmicas. [...] serão indiretamente afetadas pela Usina, no que se refere a inundação de seus barreiros.(CESP, 1997, p.21).

No entanto com a submersão da matéria-prima utilizada pelos oleiros, desencadearam problemas para continuidade no setor devido às dificuldades encontradas para a produção. Atualmente a comunidade oleiro-ceramista vivencia as conseqüências geradas pelos grandes empreendimentos como expõem Aranha Silva et all. (2005).

Os grandes empreendimentos como o caso das usinas hidrelétricas nem sempre promovem um desenvolvimento igualitário, pois os interesses econômicos e financeiros sobrepõem as necessidades da sociedade, pois as grandes empresas investem em atividades que viabilizam um maior retorno do capital investido acrescido de lucro; enquanto uma grande parte da sociedade é despojada dos seus bens e direitos e é obrigada a conviver em condições de extrema pobreza e miséria, principalmente nas periferias das cidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mesmo com os acordos firmados entre a CESP e os oleiros e ceramistas, constata-se que os produtores estão em desvantagem, pois além de deixarem suas terras, no caso dos ex-ribeirinhos, perderam parte de sua história e cultura e no caso dos três-lagoenses, a submersão das reservas de argila também limita e onera a produção.

Por fim, concluímos que os mega-empreendimentos hidro-energéticos além dos severos impactos sócio-ambientais gerados, excluem grandes contingentes populacionais dos meios de produção e do mercado consumidor, ou seja, há um intenso processo de exclusão social das diferentes classes sociais, e que nesse estudo, são os oleiros e ceramistas de Três Lagoas/MS e do Reassentamento Porto João André em Brasilândia/MS.

Cabe ressaltar que os impactados por barragens requerem o apoio incondicional da sociedade, pois são personagens da história brasileira, e que seja mantida viva a coragem para o resgate dos seus direitos, ou seja, que possam exercer a cidadania na sua plenitude.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALENCAR, Geraldo. **Brasil e seu futuro**. São Paulo : Mkion books, 1996.

ARANHA SILVA, Edima . et al. **Impactos sócio-econômicos e ambientais decorrentes da construção da UHE “ Sergio Motta”:** O caso dos Oleiros-ceramistas no Reassentamento Porto João André em Brasilândia-MS. In: Encontro Regional de Geografia, Dourados 2005. Anais... Dourados CD-ROM.

BORTOLETO, Elaine Mundim. A **implantação de grandes hidrelétrica: desenvolvimento, discurso, impactos.** Geografes, São Paulo, n. 2, p. 53-62, jun. 2001.

CESP. EIA-RIMA. Usina hidrelétrica Porto Primavera: **Estudo de Impacto Ambiental.** Consórcio Thermag- Engea- Umah. São Paulo: Cesp, 1994.

\_\_\_\_\_. **Relatórios sobre o setor cerâmico-oleiro:** Usina Hidrelétrica Porto Primavera. Campo Grande, 17 maio 1997.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário geológico/geomorfológico.** 8 ed. Rio de Janeiro. IBGE, 1993.

JONG, G. M. de. **As grandes obras hidroenergéticas: contribuição para a análise de seus efeitos regionais.** In: SOUZA, M. A. A. et al. (Org.). Natureza e sociedade hoje: uma leitura geográfica. 3 ed. São Paulo: Hucitec- Ampur, 1997. p. 174-181.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego:** diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.

SUGUIO, Kenitiro. **Introdução à sedimentologia.** São Paulo: Edgard Bleicher-EDUSP, 1973.

KUDLAVICZ, Mieczslau. **Usinas hidrelétricas: impacto ambiental e desagregação de comunidades**. Goiânia: Cursos Nacionais de Formação, 2001.

NOSSO Futuro Comum. **Comissão mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento**. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

PRIMEIRO Encontro Nacional de Trabalhadores Atingidos por Barragens. Terras sim, barragens não! Rio de Janeiro: CUT- CRAB, 1989.

QUEIROZ NETO, J. P. de. Mudanças globais e um novo mapa do mundo. In: SOUZA, M. A. A. et al. (Org.). Natureza e sociedade hoje: uma leitura geográfica. 3 ed. São Paulo: Hucitec-Ampur, 1997. p. 105-110.